

O local como ponto de vista: dinâmicas de trabalho de comunicadores em cenários de desinformação pós-covid-19

The place as a point of view: communicators' work dynamics in post-covid-19 misinformation scenarios

IGOR SACRAMENTO

Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. pesquisador em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz. É Jovem Cientista do Nosso Estado pela Faperj e é bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq. igorsacramento@gmail.com

HULLY FALCÃO

Pesquisadora de pós-doutorado (FAPERJ Nota 10) no Laboratório de Comunicação e Saúde e no Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (ICICT/FIOCRUZ).

FLÁVIA LEIROZ

Colaboradora do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs) da Fiocruz e faz estágio de pós-doutorado na Escola de Comunicação e Cultura da UFRJ.

WILSON COUTO BORGES Pesquisador Titular em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Atualmente, além de docente da Especialização em Comunicação e Saúde, é pesquisador associado ao Observatório Saúde na Mídia.

IZAMARA BASTOS MACHADO

Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

RESUMO

Neste artigo, analisamos, a partir de grupos focais realizados em Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e Manaus, as transformações nas dinâmicas de trabalho de profissionais de comunicação em cenários de desinformação pós-covid-19. Observamos como o local configura modos específicos de lidar com a desinformação e realizar o trabalho de comunicação. Concluímos que, além das experiências sociais diversas, há uma demanda comum pela necessidade de formação específica em comunicação e saúde, bem como pela reversão dos processos acelerados de precarização do trabalho.

Palavras-chave: desinformação; comunicadores; saúde; experiência local; pós-covid-19

ABSTRACT

In this article, we analyze, based on focus groups held in Rio de Janeiro, Brasília, Salvador and Manaus, the transformations in the work dynamics of communication professionals in post-COVID-19 misinformation scenarios. We observe how the location configures specific ways of dealing with disinformation and carrying out communication work. We conclude that, in addition to the diverse social experiences, there is a common demand for the need for specific training in communication and health, as well as for the reversal of the accelerated processes of precarious work.

Keywords: disinformation; communicators; health; local experience; post-COVID-19.

INTRODUÇÃO

Na última década, “pós-verdade”, “fake news” e “desinformação” têm sido temas recorrentes de debate público. Em nosso entendimento, esses termos são usados para se referir às contestações de hierarquias epistêmicas em democracias liberais ocidentais que vivenciam mudanças estruturais cada vez mais profundas em direção ao estilo político populista neoliberal e à polarização como uma luta do bem contra o mal (Monari et al, 2021; Monari e Sacramento, 2021; Sacramento, 2020). Constantemente associada à desinformação, ao excesso de informação (Steensen, 2019) e à agenda religiosa conservadora de extrema-direita (Benkler et al, 2018), essa crise epistêmica reflete a mudança de um regime de verdade baseado na confiança em instituições para outro regime regulado pela crença individual e experiência pessoal (Van Zoonen, 2012), dando voz a movimentos, grupos e indivíduos que se entendem como contestadores da verdade estabelecida por instituições que se caracterizaram como defensoras e perpetuadoras da verdade (a ciência, o jornalismo, a universidade, o Estado, por exemplo) (Monari, 2020).

Tornou-se uma análise recorrente apontar que a disseminação de desinformação sobre ciência e saúde nas mídias sociais tem produzido uma crise sem precedentes em que todas as instituições que produzem conhecimento e verdade estariam passando a serem deslegitimadas ou desacreditadas por diferentes grupos sociais (Oliveira, 2020). O discurso atual sobre o estado da esfera pública digital é dominado por diagnósticos de uma “crise epistêmica da democracia” (Dahlgren, 2018), uma “crise epistêmica nas sociedades democráticas contemporâneas” (Benkler et al, 2018, p. 4) e uma “ordem de desinformação” (Bennett & Livingston, 2018). A internet é vista como “um campo de batalha sangrento e confuso para as guerras da verdade” e acredita-se que traga “o fim da verdade” (Kakutani, 2018, p.68). A contestação assume muitas formas, mas é expressa principalmente por meio de tecnologias de mídia digital e práticas sociais relacionadas que contribuem para a instabilidade epistêmica.

O que causa essa impressão de uma profunda crise epistêmica? Tem sido tentador culpar as tecnologias de mídia digital, mas uma análise histórica mais profunda desses processos revela que a atual crise epistêmica se desenvolveu a longo prazo: nas disputas, nas imbricações e pelas reconfigurações das instituições políticas, jornalísticas e científicas, especialmente (Burke, 2023; Rêgo e Barbosa, 2020).

Por outro lado, também tem sido criada uma classificação genérica de que as pessoas que se organizam em grupos online em torno de desconfianças e cismas em relação a determinadas posições, atores e instituições da ciência, do jornalismo e do Estado são ignorantes e suas ideias são ressonâncias de teorias conspiratórias que ocupam o ecossistema de mídia globalizado (Neuberger et al, 2023). O que nos parece interessante é buscar entender melhor como e por que

as pessoas (passaram a) desacreditar no conhecimento oficial e em seus produtores. Para fazer isso, é necessário recorrer ao trabalho de campo etnográfico, considerando a permeabilidade dos processos de midiaticização nas mediações culturais das sociedades contemporâneas (Sacramento, Monari e Falcão, 2022).

Se, por um lado, acreditamos ser importantes que sejam realizadas pesquisas de cunho etnográfico sobre o consumo de informação sobre saúde num contexto de intensificação de desconfiças e cismas contra determinadas instituições da ciência e do jornalismo, por outro, podemos retomar o cotidiano de trabalho de profissionais de comunicação como um campo e estudar as transformações nas dinâmicas, lógicas e práticas laborais no atual cenário de desinformação.

O projeto de que faz parte este artigo tem o objetivo principal de formular um curso para formar comunicadores na saúde e possibilitar uma atuação informada sobre a desinformação em saúde. Observamos a necessidade de iniciativas educacionais que tivessem como foco profissionais de comunicação que se deparam cada vez mais com intensos processos de desinformação acerca da saúde. Para isso, antes, estamos realizando pesquisa de campo, através de grupos focais, com a intenção de compreender como esses profissionais lidam com a desinformação, quais as especificidades de cada estratégia, relacionando às formas pelas quais esses processos se apresentam regionalmente e como esse processo se desenvolve no campo de trabalho. São resultados da realizações desses grupos focais que apresentamos aqui.

O LOCAL COMO PONTO DE VISTA: UMA METODOLOGIA PARA GRUPOS FOCALIS

Temos observado com nossas pesquisas que as ações voltadas para o enfrentamento de fake news não leva em consideração os profissionais que atuam cotidianamente num atual ambiente (des)informacional. A perspectiva da pesquisa qualitativa nos possibilita analisar os discursos como inerentes aos agentes que o produziram e os sentidos que eles dão às diferentes dimensões de seu fazer (Geertz, 2002; Van Velsen, 2008). Todo conhecimento é local, não importa quais sejam suas pretensões. O espírito humano se torna, portanto, um produto local que requer explicação etnográfica em seus contextos locais, em vez de um retrato de algo como um espírito humano universal. Nesse sentido, estamos todos, de certa forma, condenados ao paroquialismo e ao etnocentrismo, a menos que encontremos um meio de ampliar nossas visões

aprendendo sobre outros conhecimentos locais. Geertz (2002) coloca a questão vividamente: ver a nós mesmos como os outros nos veem pode ser revelador. Mas é uma conquista muito mais difícil, embora importante, nos vermos entre os outros, como um exemplo local das formas que a vida humana assumiu localmente, um caso entre casos, um mundo entre mundos. A ideia principal dessa abordagem é que, nos seus contextos locais, a matéria humana pode ser tornada inteligível, mesmo quando à primeira vista pareça estranha, exótica ou simplesmente opaca para as pessoas que a encontram em outros tempos e lugares.

Mais um aspecto importante desse método é que nos permite entender o objeto como produto de um processo, composto de conflitos e desacordos, nesse caso, observar como os atores agem, performam e (se) apresentam a partir da compreensão, isto é, entender com e junto (Peirano, 1995; Weber, 1999). Os atuais desafios pelos quais a comunicação enfrenta nos informa sobre como esses trabalhadores lidam no cotidiano com questões relacionadas ao fenômeno do excesso de informações, muitas vezes imprecisas ou inadequadas, o que os leva a buscarem por conta própria maneiras de validar a informação comunicada. Como é impossível devido à organização da pesquisa e do próprio trabalho de nossos interlocutores, não foi possível acompanhar o cotidiano da produção da informação e do conteúdo trabalhado, optamos por realizar grupos focais com indivíduos que atuam em assessorias de comunicação de instituições estatais e organizações não governamentais, jornalistas de jornais de grande e pequena circulação, e comunicadores populares que atuam em diferentes frentes.

Até o momento, realizamos grupos focais e entrevistas em quatro capitais. Segue-se a proposta de diversidade regional, em que se busca entender a complexidade dos processos comunicativos a partir das estratégias utilizadas no combate à desinformação. Seguindo essa metodologia, a primeira região em que o grupo focal aconteceu foi a Sudeste, tendo como cidade referência o Rio de Janeiro. O encontro aconteceu no dia oito de novembro de 2023. Esse único dia foi marcado pelo primeiro grupo focal do projeto, com a participação de sete comunicadores convidados. O encontro aconteceu na sede da Fiocruz, e é a sede do projeto, no Rio de Janeiro. A segunda região escolhida para a pesquisa foi a Centro-Oeste, tendo Brasília como cidade referência. Os encontros aconteceram nos dias 23 e 24 de novembro de 2023, na unidade da Fiocruz de Brasília. No primeiro dia aconteceu o grupo focal, marcado pela presença de oito comunicadores. No dia seguinte, foi realizada a primeira entrevista do projeto.

Indo mais ao norte do Brasil, a região Nordeste foi representada pela cidade de Salvador, capital baiana. O grupo focal aconteceu no dia 13 de maio de 2024, no Instituto Gonçalo Moniz, unidade Fiocruz de Salvador, com a presença de oito comunicadores. Mais ao norte, a região Norte teve como referência Manaus, nos dias 18 e 19 de junho de 2024, ambos no Instituto Leônidas & Maria Deane, unidade Fiocruz da capital amazonense. O primeiro dia contou com a

presença de cinco comunicadores da região. No dia seguinte, foi feita uma entrevista online com uma comunicadora de Manaus mesmo, que não pode estar presente pessoalmente.

■ “NOSSA BRIGA É FIRMAR A COMUNICAÇÃO COMO ÁREA TÉCNICA”: O GRUPO FOCAL NO RIO DE JANEIRO

Em 08 de novembro de 2023 foi realizado, na sede da Fiocruz, no Rio de Janeiro, o primeiro grupo focal da pesquisa. Foi a partir desta primeira experiência que os demais grupos focais da pesquisa foram executados posteriormente. Ainda que o convite para participar da atividade da pesquisa tenha sido realizado de maneira ampla, para múltiplos profissionais de comunicação, com diferentes vínculos (mas que atuam na interface com a saúde), compareceram para a atividade no Rio de Janeiro somente profissionais que estão exercendo atividades em equipes de instituições públicas.^[1]

Um dado importante observado na fala dos participantes da pesquisa é a existência de uma certa precarização nas atividades das equipes de comunicação que atuam no Rio de Janeiro, o que, conseqüentemente impõe diversos desafios aos profissionais. Alguns apontaram que atuam em equipes reduzidas na execução de múltiplas tarefas. Sinalizaram que determinadas equipes iniciam suas atividades regularmente às 6h da manhã e seguem operando até 22h. Além disso, também indicaram que em momentos extremos já foi preciso manter as atividades até por volta da meia noite. Tais informações reforçam a premissa de que os profissionais de comunicação precisam estar sempre muito conectados com suas atividades e práticas cotidianas, atentos aos noticiários (especialmente da grande mídia comercial) e em constante contato com as instituições e gestores com quem estão vinculados. Outro apontamento realizado é em relação à infraestrutura: certas equipes demandariam uma ampliação no quadro de profissionais, diante das múltiplas atividades que hoje envolvem as práticas dos comunicadores.

O destaque dado às redes sociais foi pontuado ao informarem que suas atividades hoje não se limitam apenas a acompanhar os acontecimentos, mas também em propor respostas imediatas aos usuários via redes – pois as equipes se veem cada vez mais convocadas a essa interação frente às múltiplas demandas que se apresentam através das redes. De acordo com Luana, jornalista e assessora de comunicação de um órgão público de saúde,

... teve um momento que começou... tantas demandas, que hoje a gente responde pela rede social da saúde... nós respondemos mais demandas pelas redes sociais do que a própria ouvidoria.

[...] a gente ainda responde, por exemplo, as demandas que vêm de saúde no Instagram [...], que eles perguntam pra gente, então essa apuração é nossa equipe. [...]. Então, a rede social abriu o mundo, que não sabemos onde vamos chegar.

É importante observar o quanto o lugar das equipes de profissionais de comunicação vai também ganhando outros espaços de atuação. Se por um dado tempo histórico as ouvidorias e/ou os espaços “fale conosco” dos sites eram vistos como o lócus de relacionamento entre o cidadão e as instituições, o que os profissionais do grupo focal do Rio de Janeiro indicam é que as redes sociais também passaram a ser vistas como importantes instâncias de diálogo com a população, demandando uma atuação rápida dos responsáveis pelos perfis (oficiais/institucionais). Esse deslocamento também implica na necessidade desses profissionais buscarem regularmente contato entre as áreas internas e externas às assessorias de comunicação de suas entidades.

Outro dado relevante, que está diretamente atrelado ao debate de informação sobre saúde, é o fato de que os profissionais de comunicação que atuam na interface com tais temas, muitas vezes recorrem ao contato com áreas técnicas e com especialistas da saúde para garantirem maior segurança nas informações prestadas. Antonio, assessor de imprensa de um órgão, acrescentou ao debate a seguinte informação: “A possibilidade que a rede social impõe, para que a informação circule, não é mais o mesmo tempo que uma ouvidoria leva para te responder e ninguém mais tem saco de ficar esperando cinco dias”.

A partir destes apontamentos, podem-se notar as implicações na rotina das equipes de comunicação que precisam monitorar constantemente as redes sociais. Alguns dos participantes sinalizaram que realizam este monitoramento de forma manual, o que amplia ainda mais a precarização do trabalho.

Foi enfatizado que, a depender do governante, do gestor de comunicação de determinada região e da percepção deles sobre a importância das equipes de comunicação, há impactos no tamanho das equipes de comunicação, assim como também na autonomia desses profissionais. Clara, que trabalha como jornalista numa instituição pública de saúde, destacou: “[e] aí quando você tem uma gestão que te dá a possibilidade de criar, que te dá autonomia a coisa fica mais fácil. Em alguns períodos, nós ficamos muito engessados”.

O modus operandi das equipes de comunicação das instituições estão diretamente atreladas à percepção que os gestores têm sobre a relevância dos processos comunicacionais. Desta forma, mudanças de governos podem impactar diretamente nas práticas das equipes de comunicação das instituições públicas. Por vezes, a mudança de governo impacta não apenas no aumento ou na diminuição das equipes, mas também de suas autonomias de produção.

Alguns comunicadores ressaltaram que ainda hoje é necessário lutar para que os setores de comunicação não sejam vistos como balcões de produção, como destacou Clara:

[...] a nossa briga de comunicação ali é firmar posição da comunicação como uma área técnica assim como todas as outras e que deve ser respeitada como tal... vou dar um exemplo: as pessoas gostam muito de chegar na comunicação

dizendo “ah eu queria um card assim, assim, assado, eu quero que ele seja verde, eu quero que tenha o Zé Gotinha [...]”. Eu falo: “você me diz qual é a sua questão, e a gente vai te apresentar o que a gente acha que é a melhor solução”. Porque as pessoas têm comunicação como aquela ideia de que todo mundo faz, somos todos comunicadores, a gente discute muito isso aqui dentro.

Quando a temática da desinformação foi proposta aos participantes do grupo focal, os comunicadores ressaltaram o interesse e desejo de capacitação dos profissionais que atuam nestas equipes do Rio de Janeiro. Eles apontaram que o fenômeno da desinformação acomete a rotina dos profissionais de comunicação já há algum tempo (citaram, por exemplo, epidemias de dengue, H1N1, Zika, febre amarela). No entanto, destacaram que, com a chegada da pandemia de covid-19 e com o forte poder de penetração das redes sociais, elevou-se substancialmente os desafios no enfrentamento do fenômeno.

Nestas equipes de comunicação, não existem setores específicos para lidar com o fenômeno da desinformação e das fake news em saúde, cabendo ao profissional buscar individualmente ou junto à equipe modos de averiguar a veracidade das informações. Relataram que, muitas vezes, fazem pesquisas em diferentes fontes a fim de assegurarem, não apenas o enfrentamento à desinformação que observam no dia a dia, mas também no movimento constante de desmentir informações incorretas que recebem. Ressaltaram que a experiência individual dialoga constantemente com as experiências das equipes que atuam nas instituições.

Ainda que o entendimento e a percepção sobre o que compreendem sobre desinformação e fake news tenham sido apresentados de modos por vezes similares e, por vezes, pontuando concepções diversas, é possível apontar para o desejo de todos os participantes de pesquisas por conhecimentos e estratégias que os auxiliem em suas práticas diárias enquanto comunicadores. Todos destacaram a importância de capacitações para o exercício da profissão e reiteraram que o fenômeno da desinformação em saúde tem sido constante. Como disse Antônio:

[...]A gente entende que tem um cenário acontecendo e vai estudar para isso. Mas aí, identificar essa desinformação e saber como lidar com ela no momento que ela chega, eu acho que é do momento, né? A gente identifica que aquilo ali tá completamente fora “Não pera aí, vamos lá, vamos entender como lidar com isso”. E aí não tem curso né? É na hora, se você não tiver feito uma pesquisa prévia, você pesquisa a partir daquele momento [...].

Ainda segundo os participantes, mesmo que não seja um único tema sendo enfrentado, o movimento antivacina é considerado o mais problemático no que tange à desinformação e às fake news, é o que tem exigido constante atuação das equipes de comunicação. Eles destacam que observam que esse movimento não é exclusivo do período da pandemia de covid-19, é anterior (relataram diversas experiências em diferentes contextos vividos e de suas atuações profissionais), e ressaltam a compreensão das disputas discursivas em diferentes contextos.

Também ressaltaram a relevância de acesso constante aos especialistas da saúde para a qualidade das informações e para o combate as desinformações, além de ressaltarem a importância de manutenção de diálogo com membros das áreas técnicas. Embora a rotina da profissão traga desafios para a realização de capacitações (tempo disponível para realização de capacitações totalmente presenciais são apontadas como grandes desafios), todos os profissionais ressaltaram a importância de tais práticas para os comunicadores na busca de um trabalho que preze pela qualidade e segurança da informação sobre saúde.

“PÓS-VACINA DA COVID A CREDIBILIDADE ACABOU”: O GRUPO FOCAL EM BRASÍLIA

O segundo grupo focal foi em Brasília. Com maior número de respostas ao nosso convite, marcamos dois diferentes dias para a pesquisa, com o objetivo de aproveitar a configuração do campo e do contexto da capital federal – com órgãos e organizações que trabalham também na definição de políticas públicas e, por isso, precisam experimentar e praticar diferentes e diversas formas de comunicá-las para a população – para reunir pessoas com perfis que permitissem uma troca mais ampla e direta. No primeiro dia, 23 de novembro de 2023, oito pessoas participaram, com diferentes formações, mas todas com atuação na área de comunicação e saúde – jornalista, assessor de comunicação, publicitário, fisioterapeuta, advogado e internacionalista – de órgãos públicos de Brasília e federais, organismos de classe, organismos internacionais e instituição privada.

No segundo dia, 24 de novembro, apesar de sete pessoas terem confirmado, apenas uma compareceu. Vale ressaltar que optamos por convidar pessoas que trabalham direta e cotidianamente com comunicação, contexto que por si só possibilita o atravessamento de pautas, agendas e imprevistos. Assim, neste segundo dia, optamos por realizar uma entrevista.

Como afirmam Marina e Carlos, “na pós-pandemia, a desinformação e a fake news são assuntos que precisamos enfrentar de diversas formas e de diversos meios. Um desafio muito grande”. Carlos continua:

O público-alvo de um órgão como o Ministério da Saúde, por exemplo, é basicamente o Brasil inteiro. Nas redes sociais, a gente tem que falar com o adolescente que está lá começando a vida de beber e fumar, por exemplo, [...] a gente tem que falar sobre a gripe, a vacinação, e a gente tem que falar com os profissionais da ponta. São 200 milhões de pessoas, né?! As redes sociais, a comunicação, a internet, possibilitaram tudo isso. Então, ao mesmo tempo que traz a parte negativa, traz a parte positiva... É o grande desafio.

A questão da velocidade e da enormidade do público e demandas reforçou a percepção do trabalho e das dificuldades que se impõem nos processos de comunicação. Para eles, depois da pandemia de covid-19, o trabalho nas redes sociais digitais envolvem até mesmo informações encaminhadas por Whatsaap pessoal e profissional. Durante o grupo, vale a pena reproduzir parte da troca feita entre André, Carlos e Marcelo sobre isso. André, que trabalha com interação e monitoramento das redes sociais de um órgão público, destaca:

Faço a busca ativa do que as pessoas estão falando e, querendo ou não, a gente sempre acaba esbarrando nessa parte das desinformações e fake news. É cada vez mais comum, infelizmente [...] A gente acaba se esbarrando bastante com informações duvidosas que você não sabe de onde vem. Aí, vem a questão de como responder e como lidar com essas informações, porque nem toda informação a gente pode responder e nem toda informação a gente pode afirmar que é fake news, a gente precisa ter embasamento. Enfim...

Marcelo, gestor de comunicação de um órgão nacional de saúde, completa:

Sim, porque ela às vezes, é uma foto. Uma foto pode ser uma fake news, uma foto bem montada, bem-posicionada, agora para você rebater aquela foto é uma nota técnica de 50 páginas. É uma overdose de informações que chega à população e, geralmente, comunica só aquela peça de desinformação.

Já Carlos disse:

A impressão que tenho é que as autoridades que a gente respeitava e reconhecia não são mais respeitadas de forma alguma. Recebo milhares de fake news de saúde, a gente responde, a gente pontua, a gente coloca fontes do Ministério da Saúde, da Anvisa, e não importa [...], não tem credibilidade alguma. Pós-vacina da covid então, a credibilidade acabou assim, quase que 100%. Ficou muita coisa mal-informada, um monte de coisas, e às vezes não é nem uma fake news, é uma informação mal colocada, mal contada e mal compilada.

Ana, 28 anos, completa: "Sim, a gente recebe muita, muita dúvida, muita informação errada, o tempo todo, sobre qualquer coisa, mas normalmente sobre vacinas. Está muito difícil".

Também se destacou neste grupo a precarização do trabalho da comunicação – os indivíduos que atuam na preparação de campanhas de informação e de saúde e em mídias digitais de órgãos públicos, principalmente, acumulam funções. As equipes são extremamente pequenas e não possuem suporte adequado para realizar o trabalho, que se divide em duas dimensões, de acordo com os relatos: a preocupação em realizar o trabalho cotidiano e a constatação da necessária atuação no combate à proliferação de preconceitos e descrenças sociais relacionadas à saúde. Assim, também relataram que buscam meios de administrar os conflitos de maneira individual, sem suporte ou previsão de alteração nas dinâmicas de trabalho e divisões de tarefas.

O grupo ainda apontou para a dissociação tradicional entre comunicação e saúde – apenas duas pessoas participaram de cursos e formações na área de saúde –, o que dificulta, muitas vezes, a elaboração de estratégias que envolvam o público para inseri-lo na resolução de problemas, como o engajamento em campanhas de vacinação.

Marcelo destaca como isso pode interferir de forma geral e particular no trabalho que interliga mais diretamente comunicação e saúde: “Há uma diferença entre comunicar e informar, e o Sistema Único de Saúde informa muito brutalmente. Assim, a gente tem uma habilidade imensa de jogar gráficos, informações e dados para os jornalistas e para a população, e seja o que “Deus quiser”, se eles vão entender, o que eles vão publicar a partir daquilo”.

No entanto, Carolina, a representante da área de saúde – que trabalha com médicos, enfermeiros e fisioterapeutas da Atenção Primária – também relatou a dificuldade de desenvolver cursos e campanhas de comunicação que promovam a “adesão” de profissionais e companheiros de trabalho no combate à desinformação e alertem para os perigos do compartilhamento de determinados conteúdos entre os pares e para o público atendido:

A gente tem vários determinantes sociais, né? [...] Você pode ter várias fake news nas redes sociais, até em sites, mas um agente de saúde, ou seja, uma enfermeira que te acompanha no posto, por exemplo. Nosso usuário e quando chega lá e vem questionando certas informações... Nossos profissionais têm que estar muito bem capacitados para fazer essa comunicação da forma mais correta. E essa é uma grande dificuldade, um desafio muito grande, capacitar esses profissionais para se comunicarem com os usuários lá, porque, querendo ou não, o usuário sente um pouco mais de confiança naquele que está perto – é aquele enfermeiro que sempre atende ele no posto, o agente de saúde que faz as receitas domiciliares, o fisioterapeuta que vai perguntar a idade. Eu trabalho com educação permanente para os servidores e vejo uma dificuldade muito grande em abordar esses temas (desinformação e fake news) dentro dos nossos cursos formativos.

Vale destacar, assim, que neste grupo outra questão se destacou: a importância de se desenvolver dinâmicas e propostas de comunicação que se aprofundem em comportamentos, atitudes e habilidades relacionadas à educação para a mídia e suas múltiplas dimensões, expandidas pela comunicação através das mídias digitais e seus desdobramentos na interação face a face.

“SOMOS MOVIDOS PELO ORGULHO”: O GRUPO FOCAL EM SALVADOR

A expressão que dá título a essa seção foi utilizada por uma de nossas interlocutoras, a jornalista Beatriz, ao se referir àquilo que qualificou como “o maior programa de imunização do

mundo”, o que o aproxima, de certa forma, de uma percepção mais amplamente compartilhada em nosso país quando se menciona o Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973 e vinculado ao Ministério da Saúde (MS). Entretanto, é possível perceber que a experiência compartilhada no município de Salvador, capital do estado da Bahia, parece não se restringir apenas ao PNI.

Quando os participantes do grupo focal foram mobilizados na direção de refletirem sobre a abrangência e a complexidade do SUS, em suas múltiplas faces de atuação ou de sua abrangência, novamente a percepção local emergiu: “precisamos tirar o chapéu para a imprensa local quando se trata de vacinação”. Essa é a impressão de Mauro, jornalista de um grupo de comunicação.

Nesses termos, e tomando a formação (e atuação) de comunicadores na saúde em cenários de desinformação, buscaremos, nas próximas páginas, apresentar as tensões e contradições entre percepções que valorizam a dimensão local frente à nacional e, noutro polo, destacar quais os eventuais elementos que precipitam aproximações entre um fazer comunicacional soteropolitano e um que seria visto como sendo nacional.

Embora houvesse certa heterogeneidade do universo de participantes desse grupo focal – das oito pessoas que o compuseram, três estavam vinculados à chamada grande mídia, dois à produção independente de conteúdo (sendo apenas um deles voltado aos temas de saúde), dois a instituições de pesquisa e um ao poder público – um dos elementos que se precipitou foi a identificação de um processo que Mauro qualificou como “uberização da atividade jornalística”. Ou seja, o movimento gradativo de precarização das redações jornalísticas, uma vez que as assessorias de comunicação emergiriam como melhores alternativas de remuneração. Ainda que não se trate de uma realidade particular da região metropolitana de Salvador, naquela região, ela parece produzir consequências que impactam a atividade em “todos os modais”, isto é, na televisão, no rádio e no jornalismo impresso, especialmente sobre esse último. Tal quadro se amplifica num momento histórico em que se proliferam os canais pelos quais as pessoas comunicam e/ou se apropriam de informações que circulam. Se já era possível observarmos esse conjunto de transformações em meados da década passada, ele se agudizou quando passamos por uma pandemia – como a da covid-19 –, produzindo, como de suas consequências mais visíveis, discutidas e que se tornou objeto de investigação, uma preocupação crescente com o fenômeno da desinformação.

Uma dessas camadas, como mencionado pela Beatriz, que atua numa empresa privada de comunicação, pode ser compreendida por uma ótica geracional, uma vez que, acompanhado o processo de redução das redações, “profissionais, cada vez mais jovens, têm se mostrado menos questionadores, gerando coberturas mais superficiais, dos fenômenos que ocorrem em nossas sociedades”. Nesse sentido, nos parece menos se tratar de uma fala conservadora e mais uma

compreensão dos efeitos que o manuseio de ferramentas tecnológicas contemporâneas impõe às práticas jornalísticas, uma vez que “a pressão do que sai nas redes” acaba interferindo na forma como os meios tradicionais acabam veiculando para fazer frente à concorrência. Se este é um movimento que pode ser visto em todo o país, uma das particularidades que se pode observar no contexto dessa região é a própria concorrência que já existe entre as chamadas afiliadas – redações que amplificam o alcance de conglomerados de mídia – e as “cabeças de rede” (as sedes das maiores empresas de comunicação do Brasil, localizadas particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo), o que confere certa especificidade ao jornalismo local que “deseja ‘furar’ a rede, em busca das ‘melhores notícias’”, como indica Beatriz.

Dentro desse complexo jogo entre o local e o nacional, entre o jornalismo tradicional e as novas formas de construção das informações, todos são unânimes em observar, com cautela, a influência das tecnologias digitais no contexto de nossas sociedades. Se, por um lado, notadamente nossos interlocutores chamam a atenção para certo esfacelamento dos processos de apuração das informações que necessitam ser veiculadas, especialmente pela facilidade que atualmente os mais jovens recorrem àquelas tecnologias, se atualizando especialmente através das redes sociais digitais, por outro, há uma preocupação com as consequências desse movimento para as gerações futuras, sobretudo com a incorporação da inteligência artificial. Beatriz acredita que “daqui a 50 anos, o que poderemos saber sobre a pandemia se nossa base de informação por, por exemplo, o ChatGPT? As mentiras produzidas aqui ou na Itália poderão emergir como verdade”.

Não foram poucos os casos de relatos de uso do “tratamento precoce” durante a emergência sanitária. Uma das observações feitas por nossos interlocutores e que dialoga com esse quadro é sobre o uso de fontes locais: “aqui na Bahia nenhum infectologista conseguiu nos orientar”, como destacou João, assessor de comunicação de um hospital. Essa constatação levou a uma consideração complementar de outro de nossos participantes: Everton, jornalista de um grupo de comunicação: “Eu acho que, em resumo, o que eu estou percebendo aqui é que a comunicação em saúde precisa ser um assunto para duas pontas, tanto para a comunicação quanto para quem é da área da saúde”. Tal consideração nos conduz à percepção inicial, que orientou a construção das bases da nossa pesquisa, de que tanto a compreensão do que é comunicação como aquela que diz respeito à saúde, além de não serem autoevidentes, necessitam de formação específica continuada. Mas não se trata de interpretação recente. Nesse sentido, raízes desse movimento que identificamos com as informações produzidas e postas em circulação durante a covid-19 podem ser encontradas uma década antes, na pandemia de H1N1.

Há caracteres entre os dois momentos históricos que merecem ser recuperados, especialmente pelas alusões feitas por nossos interlocutores. O primeiro deles diz respeito à produção de uma série de informações sobre as doenças – o que levou a Organização Mundial de

Saúde (OMS) a afirmar que, tanto em 2009 quanto em 2020, estávamos diante, simultaneamente, de uma pandemia e de uma infodemia. O segundo diz respeito às construções noticiosas: na primeira década do século XXI, majoritariamente pelos veículos tradicionais de comunicação; em 2020, destes e através das redes sociais digitais. O terceiro pela dificuldade em se compreender os sentidos associados à doença e à sua principal profilaxia (a vacina). O quarto, como destacado por Beatriz, é “o movimento baseado no orgulho!”.

No que toca o primeiro elemento, avaliamos que algumas das observações feitas por nossos interlocutores apontam para uma necessidade de compreendermos que não estaria exatamente na emergência das redes sociais digitais as respostas para compreensão do que significa um quadro de excesso de informações – algumas respostas podem estar mais no que se produz diante do novo do que necessariamente na investigação que se detém exclusivamente nos suportes.

Já o segundo, se acompanhado das transformações que tanto as redes quanto os meios tradicionais interferem uns nos outros, pode permitir um deslocamento do olhar na direção da captura do que exatamente significa ou implica uma multiplicação dos polos de emissão para o avanço das democracias: num quadro em que os veículos tradicionais têm o “monopólio da fala”, como acessar informações sobre a descoberta de uma nova vacina ou uma nova cura para um vírus que atinge escala planetária? Colocado em outros termos, como saber que outros países do mundo já dispunham de vacina contra a covid-19 e que nosso governo retardou ao máximo sua aquisição, apelando ao chamado tratamento precoce? Nesses termos, não estaria numa criminalização às tecnologias digitais ou às redes sociais a “solução do problema”, mas na identificação do que produzem e põem em circulação e com que interesses.

No terceiro, quando evidenciamos a necessidades de ser buscar compreender os sentidos sociais que circulam e são acionadas por cada pessoal. Lembramos que, por ocasião da vacina contra a H1N1, não foram raras as vezes em que nossas autoridades sanitárias recorreram às noções de “lenda urbana” e “ruídos” para explicaram a baixa cobertura vacinal nos primeiros meses de imunização. Mais recentemente, durante a vigência da covid-19, “negacionistas” e “consumidores de *fake news*” foram as mais fartamente utilizadas. Entretanto, é muito interessante observar que, em vários momentos de nosso grupo focal, quando estimulados, nossos interlocutores deixaram-nos antever certo desconhecimento sobre o Sistema Único de Saúde, ora saudando o PNI, ora criticando unidades básicas de saúde, exigindo respostas deste último, mas ignorando o fato de o primeiro constituir um dos braços do SUS. Afinal, sobre que SUS estivemos conversando durante aquele encontro? O que funciona, o que não funciona, o que funciona mais ou menos? Um de um sistema complexo e multifacetado, como mencionamos na introdução dessa seção, que permanece cheio de contradições e que leva aqueles que a ele anunciam ao se colocarem numa posição paradoxal?

Por fim, tratemos da dimensão do orgulho. Quando compartilha conosco que “quem viveu na década de 1980 sabe que ele [o SUS] funciona, porque quando veio a década de 1990, as pessoas encontraram dignidade”, o participante Mauro, jornalista de um grupo de comunicação, destaca a importância de o SUS se fazer conhecer num primeiro momento, pelos próprios profissionais de saúde, depois, por profissionais de comunicação, com vistas a “nos especializar para falar com a população”, conforme acrescentou Fabiana, jornalista autônoma.

Um dos problemas identificados nesse grupo focal foi a centralidade de uma formação em comunicação e saúde com foco naquele com quem se pretende estabelecer uma relação comunicacional. Nesse sentido, acompanhado do reconhecimento da necessidade de um aperfeiçoamento permanente, vem a constatação de que o trabalho desses profissionais ganha em importância num cenário em que uma série de doenças voltam a circular no Brasil e no mundo. “Temos o maior programa de imunização do mundo”, celebrou. Ainda que não tenha sido mencionado no outro, em 2010, fomos o país que mais amplamente imunizou sua população contra a H1N1. Erradicamos a poliomielite. Erradicamos o sarampo. Se nos “sentimentos movidos por esse orgulho”, agora, precisamos qualificar nossa forma de interagir com a sociedade e mostrar para ela que o SUS funciona, finalizou Everton.

“UM EVENTO TRAUMÁTICO”: O GRUPO FOCAL EM MANAUS

Manaus foi um exemplo interessante sobre entendermos como se processa o local na desinformação; isto é, como esse processo é localizado e nos mostra como categorias produzidas em dado contexto e local acabam por reproduzir certas formas hegemônicas que não dão conta de explicar ou produzir compreensão sobre determinado fenômeno. Foi a última capital em que realizamos o grupo focal. Inicialmente, seria organizado em dois dias consecutivos, anteriormente agendado. No entanto, conseguimos realizar apenas um e, no dia seguinte, uma entrevista, porque muitas pessoas, mesmo que confirmadas, não compareceram. É interessante trazer esses aspectos para o texto, uma vez que uma pesquisa qualitativa se dá em interlocução com pessoas, e o mundo da ação social é imprevisível, mesmo que essa imprevisibilidade seja previsível. Mesmo que tenha ocorrido apenas um dia de atividade com a presença de quatro pessoas, a diversidade institucional fomentou um valioso debate. Os participantes eram: uma jornalista, que chamaremos de Débora, que tem mais de 20 de atuação, e grande parte em uma organização não governamental; Marcos atuando há pelo menos 16 anos, em grande parte em

assessoria de comunicação de uma instituição estatal; e os outros dois um pouco mais jovens – André, com seis anos de atuação, e Natalia, com quatro anos de atuação. Além da diferença de vínculo institucional, a idade também é um fator que colabora com algumas formas de entender não só a saúde, como também a sua comunicação. Nesse caso, não só as diferenças nos informam sobre as particularidades em que a informação se apresenta na realidade profissional desses indivíduos, mas também as similitudes, e o principal ponto de convergência diz respeito à pandemia.

A pandemia em Manaus foi considerada “traumática”, categoria utilizada por uma de nossas interlocutoras para definir este evento, devido, sobretudo, à necessidade de cobri-la, de falar sobre ela, já que ela se impôs enquanto um evento extraordinário organizando a vida e interações das pessoas que a vivenciaram. Como afirma Débora,

Mas quem escapou de cobrir a porta de saúde na pandemia? Logicamente que o topo do Y [portal em que atua] foi um daqueles grupos totalmente vulneráveis e invisibilizados. No início foram indígenas, quilombolas. Depois a gente também destinou uma competição grande para a população em situação de rua e refugiados, mulheres. Como a nossa cobertura é na Amazônia, não é limitada a Manaus, a gente teve a cobertura em Belém, Roraima... E é dentro das nossas possibilidades. Mas logicamente que a gente se concentrou muito em Manaus, porque Manaus é meio que o centro nessa situação. E a gente continuou cobrindo. Então foi realmente dois anos basicamente cobrindo só a pandemia.

Diferente dos outros locais, Manaus aqui é visto como um epicentro da pandemia. Foi uma confluência de fatores que fez com que a pandemia nessa cidade se comportasse de maneira diversa. As medidas de isolamento foram flexibilizadas ainda na primeira onda, com o retorno prematuro das atividades laborais rotineiras, houve um aumento de infectados, que intensificou a demanda por UTIs e oxigênio^[2]. Além disso, na Comissão de Inquérito Parlamentar (CPI) da covid-19 realizada em 2021 foi afirmado que Manaus serviu de teste para a imunidade de rebanho pelo então Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, e pelo ex-presidente, Jair Bolsonaro. Inclusive, o colapso do sistema de saúde da cidade foi a pedra de toque da abertura da CPI (Da Costa, 2021). Houve falta de abastecimento de oxigênio hospitalar, situação conhecida pelo Ministério da Saúde. Quando tocamos nesse assunto, todos se emocionam em alguma medida. Marcos afirmou que todos que conhece perderam pessoas próximas, como mães, avós, pais e irmãos durante esse episódio, e isso afetou seu trabalho. Débora falou que esse evento fez com que muitos jornalistas ficassem deprimidos, não querendo mais cobrir a pandemia. Segundo ela, houve um esgotamento entre esses profissionais.

Quando mencionado a pandemia, o ambiente fica silencioso, e as respostas se dão de maneira menos efusiva, mostrando que é importante ter em conta que existiram várias pandemias e que esse é assunto sensível. Em Manaus, suas modulações e consequências foram

diferentes, demandando uma atenção maior entre os jornalistas, e por isso, a ideia de *evento crítico* nos parece ser útil, pois nos leva a compreender essa situação para além das “tendências epidemiológicas” (Segata et al, 2021). Segata e colaboradores apontam que sua dimensão global não “significa universalidade, tampouco justifica a sua homogeneização”, consistindo em “um evento crítico e desigual” (Segata et al, 2021, p. 8).

Nesse caso, *evento crítico* nos auxilia a compreender as consequências e a quebra do cotidiano, que podem ser decorrentes de situações violentas que causam sofrimentos tidos como repentinos e inexplicáveis, e cujas implicações duradouras concedem forma às narrativas individuais e coletivas (Das, 1995). Nesses eventos, há diferentes temporalidades, que marcam a vida coletiva, e indica uma disputa de significados e apropriações dos atores e instituições, algo que se assemelha aos *dramas sociais* de Turner (2008), uma vez que as narrativas se modificam com base nessa experiência, modificando também a maneira de interpretá-la. Esses conceitos envolvem emoções, pois mobilizam afetos, memórias, formas de narrar a si e os outros, a pandemia, assim, mobiliza, emociona e transforma, e organiza as experiências e as ações.

Cabe ressaltar a produção da cisma em relação à vacina e aos dados de instituições públicas. A falta de dados oficiais do Ministério da Saúde na época, junto com as respostas ineficazes de agentes estatais, fez surgir um sentimento de descrença e cisma junto ao que era divulgado em páginas oficiais, e passaram a duvidar do número de infectados e mortos, por exemplo, acreditando ser ainda maior, devido a pouca inserção no interior do Amazonas de políticas de cuidado da saúde. O interior do Amazonas foi diversas vezes representado como esquecido por diferentes atores, devido à falta de políticas públicas voltadas para ribeirinhos e comunidades indígenas e à ausência de menção desses grupos nos noticiários da mídia tradicional.

O “tempo da ciência” também foi mencionado pelos participantes, pois, graças à rapidez da produção das vacinas, as pessoas começaram a desconfiar/cismar de sua eficácia, preferindo escolher tratamentos conhecidos por todos, como a garrafada e mastruz. Nessa parte da conversa, todos criticaram os modos de produção científicos, ressaltando o quanto a ciência é fechada, vaidosa e distante da sociedade. André questiona por que o mastruz, amplamente utilizado, e tido como seguro, não é estudado como deveria, e se é, por que não é divulgado, devendo ser esclarecido a efetividade de outros remédios utilizados pela maior parte da população. O uso desses medicamentos é comum e faz parte das formas de cuidado desenvolvidas por diferentes grupos sociais:

Então, é, até certo ponto, o que as pessoas, em comum, pessoas normais estão produzindo caseiros, se tem efetividade ou não. Deixar claro isso. Por exemplo, essas *garrafadas*. Tem pesquisas? Estão desenvolvendo pesquisas para que isso entre? Porque tem aquele senso que eu já ouvi de algumas pessoas no meu contexto familiar, de vizinhos falando. É melhor coisas orgânicas da terra tradicional do que da indústria farmacêutica, que é diferente. Eu sou diferente,

não gosto muito de coisas tradicionais da terra. Eu não sou mais. Eu já fui acostumado, assim, da indústria farmacêutica, os produtos farmacêuticos em si. Nunca fui muito chegado aos produtos naturais. O máximo são os mastruzes. Porque é segurança. Então, deixar claro, essas instituições de pesquisa, pesquisar o que está sendo desenvolvido.

Nesse momento todos concordaram que a população amazonense utiliza bastante remédios naturais em detrimento de alopáticos, pois, sendo mais familiares e indicados por pessoas próximas, são mais confiáveis. Débora lembra de um pesquisador que defende a ciência indígena, propondo um diálogo,

[e]ntão, ele levanta essas questões da ciência, do olhar científico e também de outros povos. Tanto que, nos nossos títulos, a gente coloca a ciência indígena também. Não é só a ciência ocidental, colonizadora, etnocêntrica, que impõe seu conhecimento... O pesquisador sempre fala, a gente não é uma ciência alternativa.

As questões levantadas em Manaus parecem apontar para umas particularidades interessantes, primeiro as consequências da pandemia, que foram grandes, segundo, para o uso de práticas tradicionais de cuidado, que, muitas vezes, entra em conflito com métodos da medicina ocidental. Outrossim, o que aparece em outras capitais é a falta de tempo e multifuncionalidade que demandam de um jornalista atualmente, o que pode prejudicar a confirmação de uma notícia e o trabalho mais atento às pautas que consideram importantes, como saúde e ciência. Como em outros lugares, os recursos financeiros e humanos disponibilizados para a realização do trabalho da comunicação são escassos, sobrecarregando os profissionais e fazendo com que eles mesmos possam incorrer em alguma imprecisão informacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para jornalistas com emprego regular em organizações de notícias tradicionais, observamos que a precariedade se reflete em três dimensões: a redução das equipes, a intensificação das cargas de trabalho, a generalização do trabalho em detrimento da especialização, as longas jornadas de trabalho. Para os comunicadores que atuam em instituições públicas de saúde, a precarização está mais ou menos intensificada de acordo com a gestão em vigor e particularmente com o governo eleito. Dependerá da visão sobre comunicação que se terá. Muito mais ferramental do que concebido como conhecimento especializado, a comunicação não é reconhecida como “área técnica”. Os assessores de comunicação em instituições privadas de saúde não reclamaram

da estrutura, mas especialmente da falta de tempo e apoio para a qualificação profissional. Foi consenso a necessidade de formação específica em comunicação e saúde. Muitos profissionais, especialmente nas redações, não conseguem, para além de iniciativas de foro pessoal, realizar cursos que envolvam, por exemplo, comunicação e saúde. Já entre aqueles que atuam como empreendedores no jornalismo, com empresas próprias, a saúde é um mercado interessante para assessorar, por exemplo, médicos e nutricionais que individualmente buscam ampliar a demanda pela visibilidade nas redes sociais.

Em relação à desinformação em saúde, Manaus traz uma tensão importante à observação. A oposição entre informação e desinformação, ciência e “ciência indígena”, entre medicina ocidental e medicina ancestral, recoloca a questão do negacionismo. É negacionismo científico acreditar no poder curativo das garrafadas? É negacionismo científico consumir mastruz com objetivos de cura? Sim, é. Mas depende do local e de como o local configura lógicas, códigos e comportamentos. Mas também não é quando podemos dialogar no lugar de excluir e desconsiderar com base em práticas científicas que podem ser vistas como colonialistas e autoritárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. **Network propaganda: Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. **European Journal of Communication**, 33(2), 122–139, 2018.
- BURKE, P. **Ignorância: uma história global**. São Paulo/Belo Horizonte, Vestígio, 2023.
- DA COSTA SILVA, R. G. Pandemia e desigualdades socioespaciais no Brasil: O caso de Manaus, Amazônia. **Finisterra**, v. 55, n. 115, p. 61–68, 2021.
- DAHLGREN, P. Media, Knowledge and Trust: The Deepening Epistemic Crisis of Democracy. *Javnost - The Public*, 25(1–2), 20–27, 2018.
- DAS, V. **Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India**. New Delhi: Oxford University Press, 1995.
- GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KAKUTANI, M. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

- MONARI, A. C. P. A mídia e a ciência que me “servem”: o reforço da autoridade jornalística e científica nas postagens do Twitter de Jair Bolsonaro. In: PAULINO, R. Paulino; RODRIGUEZ-HIDALGO, C. (orgs.). **Jornalismo, Sociedade e Pandemia**. Aveiro: Ria Editorial, 2020, p. 196-218.
- MONARI, A. C. P.; ARAÚJO, K. M.; SOUZA, M. R.; SACRAMENTO, I. Disputas narrativas e legitimação: análise dos argumentos de Bolsonaro sobre vacinação contra Covid-19 no Twitter. **Liinc em Revista**, v. 17, p. e5707, 2021.
- MONARI, A. C.; SACRAMENTO, I. A vacina chinesa de João Doria: a influência da disputa política-ideológica na desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19. **Mídia e Cotidiano**, v. 15, p. 125-143, 2021.
- NEUBERGER, C.; BARTSCH, A.; FRÖHLICH, R.; HANITZSCH, T.; REINEMANN, C.; SCHINDLER, J. The digital transformation of knowledge order: a model for the analysis of the epistemic crisis. **Annals of the International Communication Association**, 47(2), 180–201, 2023.
- OLIVEIRA, T. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Revista Fronteiras**, v. 22, p. 21-35, 2020.
- PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995.
- RÊGO, A. R.; BARBOSA, M. **A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.
- SACRAMENTO, I. A melodramatização da pandemia: a Covid-19 e as dinâmicas de representação do inimigo. In: BARBOSA, M; SACRAMENTO, I. (orgs.). **Vozes Consoantes: Comunicação e Cultura em Tempos de Pandemia**. Rio de Janeiro: MauadX, 2020, v. 1, p. 116-131.
- SACRAMENTO, I.; MONARI, A. C. P. ; FALCÃO, H. G. . Mediaciones culturales y etnografía: entrelaces teórico-metodológicos para la comprensión de los procesos de desinformación en la salud. **Razón y Palabra**, v. 26, p. 74-90, 2022.
- SEGATA, J.; SCHUCH, P.; DAMO, A. S.; VICTORA, C. A Covid-19 e suas múltiplas pandemias. **Horizontes Antropológicos**, v. 27, p. 7-25, 2021.
- STEENSEN, S. Journalism’s epistemic crisis and its solution: disinformation, datafication and source criticism. **Journalism**, 20(1), 185-189, 2019.
- VAN VELSEN, J. “A Análise situacional e o método de estudo de caso detalhado”. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). **A antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora UNESP, p. 437-468, 2008.
- VAN ZOONEN, L. I-pistemology: changing truth claims in popular and political culture. **European Journal of Communication**, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB, 1999.

[1] Os nomes são aleatórios e não correspondem às identidades dos participantes. Isso é necessário para manter a privacidade dos que participaram do grupo focal.

[2] <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/50926>. Acesso em: 30 de jul. de 2024.